

TRILHA POÉTICA

SÉRGIO MATTOS

TRILHA POÉTICA

Edições GRD
São Paulo
1998

Editoração eletrônica: Tera Dorea
Fotografia do autor: Arestides Baptista
Ilustrações: Floriano Teixeira

Ficha catalográfica

Mattos, Sérgio, 1948

Trilha Poética: Sérgio Mattos – São Paulo: GRD,
1998, 1ª edição.

ISBN 85-7085-020.4

Apresentação de Antônio Olinto

1. Poesia brasileira. I Título

CDD-869.915
928.6991

Reservados os direitos de tradução. Copyright by Sérgio Augusto Soares Mattos. Direitos desta edição reservado por Gumercindo Rocha Dorea F. Ind., rua Topázio, 478-41, CEP 04105-061. São Paulo, Brasil. Tel.: (011)277-9616.

SUMÁRIO

Apresentação, Antônio Olinto11

Primeira parte

Espécie em extinção (1995).....	17
Segredos da vida (1995).....	18
Década indiscreta (1995).....	19
Herói (1995).....	20
Mudança (1996).....	21
Imaginário (1996).....	22
Interatividade (1996).....	23
Brisa (1996).....	24
Sonho II (1996).....	25
Sonho III (1996).....	26
Nova percepção (1996).....	27
Fases da vida (1996).....	28
Globalização (1996).....	30
Complexidade (1996).....	31
Massacre de abril (1996).....	33
Registrando (1996).....	34
Vento (1996).....	35
"Lavoisiando" (1996).....	37
Dissimulação (1996).....	38
ABC literário (1996).....	39
Manicure especial (1996).....	40
Nordestino (1996).....	41
Microcystina (1996).....	42
Grandeza (1996).....	43
Intervenção (1996).....	44
Múltipla escolha (1996).....	45
Espaço vivido (1996).....	46
Escultura (1996).....	47
Abstração (1996).....	48
Opções (1996).....	49
Ilusão (1996).....	50
Pensamentando (1997).....	51
Liberdade (1997).....	52
Avoante (1997).....	53
Pássaro da liberdade (1997).....	54

Segunda parte

Prisão (1997).....	57
Sem licença (1997).....	58
Lúdico I (1997).....	59
Lúdico II (1997).....	60
Diferença (1997).....	61
Livro I(1997).....	62
Microcosmo (1997).....	63
Gaiola (1997).....	64
Coexistência (1997).....	65
Picadeiro (1997).....	66
Entrega (1997).....	67
Sombra (1997).....	68
Construção (1997).....	69
Incontrolável (1997).....	70
Elo (1997).....	71
Lembrança (1997).....	72
Vagando (1997).....	73
Música (1997).....	74
Velhice (1997).....	75
Tempo (1997).....	76
Estrelas (1997).....	77
Mistério (1997).....	78
Lance (1997).....	79
Corrente (1997).....	80
Por do sol I (1997).....	81
Por do sol II (1997).....	82
Paixão (1997).....	83
Cadeira de balanço I (1997).....	84
Cadeira de balanço II (1997).....	85
Poesia (1997).....	86
Classificação (1997).....	87
Dia nublado (1997).....	88
Flores (1997).....	89
Inverno sertanejo (1997).....	90
Ator (1997).....	91
Carybé (1997).....	92
Saramago (1997).....	93
Máquina vs. Homem (1997).....	94
Ao léu (1997).....	95
Recado (1997).....	96
Protesto (1997).....	97
Sonho IV (1997).....	98

Terceira Parte

Dança dos Peixes (1998).....	101
Arco-íris da vida (1997).....	102
Mata Atlântica (1997).....	103
Poeta baiano (1997).....	104
Amada (1997).....	105
Sabor (1997).....	106
Che (1997).....	107
O amante (1997).....	108
Sedução (1997).....	109
Relicário de amor (1997).....	110
Tristeza (1997).....	111
Livro II (1997).....	112
Fingidor (1997).....	113
Século XXI (1997).....	114
Comentários críticos	115

APRESENTAÇÃO

O que distingue a poesia brasileira neste tempo de mudança é a diversidade. Foi como se, de repente, os poetas do país houvessem descoberto a liberdade, não há mais palavras-de-ordem, ninguém é obrigado a seguir uma linha de feitura poética e o dogmatismo de uma crítica literária alistada desapareceu. Como num fim de tempestade, surgem de vez em quando restos de relâmpagos ao longe, mas sabe-se que a liberdade, uma vez conquistada, finca pé na escolha de quem vê, e lê, e faz. É claro que o elitismo continua tentando manter seu domínio sobre os meios de comunicação, agora não tanto em nome de uma ideologia ou tendência política do momento, mas baseado na velha idéia de que há sempre um grupo de escolhidos que deve mandar. Estamos em tempos de busca e de achamento, parecidos com os de 1922, quando a Semana frutificou. A celebração, hoje a cada instante lembrada pelos canais que vão diretamente à memória, não só de um século e de um milênio/limite (fim do mundo, estrelas que vão destruir a Terra, etc.), mas principalmente a do aniversário – cinco séculos – da Descoberta – assemelha-se à de 1922, quando completávamos cem anos de independência. É como se quem faz versos tivesse decidido comemorar tudo em poesia.

Assim vejo o livro de Sérgio Mattos, *Trilha Poética*, lançado agora pelo editor Gumercindo da Rocha Dórea, das Edições GRD que, desde os anos 50, tem seu lugar no mundo editorial brasileiro. Sérgio Mattos pega a poesia do cotidiano, na força de uma escolha vocabular que realça o imediato, em imagens de coisas e pessoas, sem apego a técnicas da moda. O que ele deseja comemorar, comemora. Às vezes parece ter adotado

o hai-cai, mas fá-lo de modo não convencional, como em seu “Dia Nublado”:

“Um dia embaçado
sem sol e sem visibilidade.
Parece um dia falsificado.”

Ou esta “Cadeira de Balanço II”:

“Balanço vai, balanço vem.
Gasta, a cadeira embalou
crianças e, velhos, acalentou.”

Poemas seus falam de pessoas, como Carybé (“Axé! Aqui aportou Carybé”), ou Saramago (em quase hai-cai, a palavra “mago” antecipando o nome do escritor). No poema “Che” mostra a imagem – “barbicha, boina e uniforme desbotado” – do herói, na ironia de hoje ser usada “na promoção do consumismo”.

Sérgio Mattos é poeta de poucas palavras, poucas e precisas. Vai direto a sensações e percepções básicas, sem enfeites, de vez em quando adota o ritmo do assunto, numa quase onomatopoeia. Usa essa técnica no poema “Vento”:

“É vento, é venta...é ventania
chegando cheia de valentia.”

Adiante, pergunta:

“Sinhá, que nome tem este vento
que venta, canta e encanta
em todas as pontas da rosa dos ventos?”

E continua:

“Sinhá, este vento é traquina.”
“Sinhá, este vento é indiscreto.”

Seu domínio da palavra sem máscaras, clara, transparente, aparece também no uso de repetições de sons, como em “Sonho II”:

“No sonho, tristonho, recomponho,
na criança que sou, a lembrança da esperança
na prece que apetece e cresce.
Quando dormindo, não minto, sinto
que a mente, descrente, desmente
o tino divino do destino.
No fundo, o meu profundo mundo
é o universo submerso, disperso,
ocioso, silencioso
perdido e indefinido.”

Saindo agora, na antevéspera das comemorações do nosso começo, como nação e como gente, e sendo poeta com os pés fincados na Bahia, onde tudo teve início, Sérgio Mattos representa, ainda, uma poesia lírica e apaixonada que é, juntamente com a poética simbolista, das grandes vocações e tradições da presença brasileira na “linguagem que canta”. Sob muitos aspectos, sua poesia é também a de um rebelde, a do cultivador de sonhos e de realidades, criador de uma trilha por onde passam os símbolos de um povo.

Rio de Janeiro, 8 de março de 1998

Antonio Olinto

(Escritor, jornalista, poeta e membro da Academia Brasileira de Letras)

PRIMEIRA PARTE

ESPÉCIE EM EXTINÇÃO

No hemisfério norte
a reprodução em cativeiro
preserva animais
ameaçados de extinção.

No hemisfério sul
cuida-se da ararinha-azul,
dos micos-leões de caras douradas,
enquanto crianças são exterminadas.

A batalha ecológica
garante a preservação
da natureza, mas sem estratégia lógica
deixa ao abandono, quase sem ação,
o homem pobre,
uma espécie em extinção...

(1995)

SEGREDOS DA VIDA

para Lizir Arcanjo

Dentro de cada concha
encerra-se um segredo do mar.
Dentro do mar
encontram-se várias conchas
cheias de vida.
A vida está em minhas mãos
cheias de segredos.
Quando juntas, em forma de concha,
as mãos encerram mistérios.
Quando abertas, mostram a vida
contida no espaço
das palmas, revelada nos traços
tudo trançado
seja futuro, presente ou passado.

(outubro/1995)

DÉCADA INDISCRETA

Noventa é a década da globalização.
Uma década sem mistérios, sem segredos.
É a década da INTERNETização.

(1995)

HERÓI

Na Serra da Barriga,
reduto de foragidos,
um deus da guerra,
Zumbi, tombou ferido
em novembro de 1695.
Líder da resistência
contra a escravidão,
líder do Quilombo dos Palmares,
trezentos anos depois,
o guerreiro virou herói nacional.

(Novembro/1995)

MUDANÇA

Às portas do Terceiro
Milênio a realidade virtual
confunde o mundo convencional.

(janeiro/1996)

IMAGINÁRIO

O imaginário poético
é infinito enquanto interpretação,
registrando o real, sem a falsa impressão
criada pela indústria da simulação.

(Janeiro/1996)

INTERATIVIDADE

para Adelmo Borges

Se a percepção visual
do poeta é polivalente,
o poema é o registro maleável,
tridimensional do mais latente
sentimento humano.

Mixando sentidos em cenas diferentes,
poeta e poema permitem a interatividade
da natureza do homem com a natureza do mundo.

(Janeiro/1996)

BRISA

O frescor do vento
da noite ainda menina
chega como alento,
acariciando os corpos amantes
em ondas constantes.

(fevereiro/1996)

SONHO II

No sonho, tristonho recomponho,
na criança que sou, a lembrança da esperança
na prece que apetece e cresce.

Quando dormindo, não minto, sinto
que a mente, descrente, desmente,
o tino divino do destino.

No fundo, o meu profundo mundo
é um universo submerso, disperso,
ocioso, silencioso
perdido e indefinido.

(fevereiro/1996)

SONHO III

O corre-corre
da atividade
física do dia percorre
meu corpo cansado,
deixando uma sensação
de torpor, quase anestesiado.
Sinto a consciência
piscando, apagando
e me entrego
em sono profundo
como um cidadão
qualquer do mundo.
Durmo e sonho
sem medo
pois não é pesadelo
o que sinto e sim alegria,
pura fantasia
colorida, fruto de um sono
muito bem sonhado
no qual sou diretor,
ator e único dono
do produto final.

(março/1996)

NOVA PERCEPÇÃO

para Marcos Palácios

Na conjunção
das telecomunicações
e da informática,
novos hábitos e
novas percepções
são criadas, fruto
da revolução telemática,
rompendo modelos
da modernidade.
A chamada telemática
cria um novo laço
de afinidades sociais
nas comunidades virtuais
através do cyberspaço.
Na interação cibernética,
independente da genética,
todos são iguais,
meros seres pensantes, mas virtuais...

(abri/1996)

FASES DA VIDA

Da infância
a criança
traz de herança
o desenvolvimento
de sua inteligência.
Cada momento
de capacidade
vivida
passa a ser fator
determinante
de sua vida
com ou sem amor.

Na adolescência
a emoção
e a experiência
podem confirmar
a tendência
que o homem
haverá de confinar
em seu coração
em qualquer situação
diante do mal ou do bem.

Na maturidade
vale mais o conhecimento
da humanidade
o bom senso
a sensualidade
de cada momento
e a descoberta
de que na vida
tudo depende de consenso.

(março/1996)

GLOBALIZAÇÃO

A manipulação
do capital
muda o mundo
pela globalização.

A lógica
mercadológica
com plena dominação,
sem idéias divergentes,
responde pela regressão cultural,
destruindo a soberania nacional.

(Maio/1996)

COMPLEXIDADE

Na intim**idade**
busca-se matur**idade**.
Na colet**ividade**,
a original**idade**,
pois a modern**idade**
exige qual**idade**.

A instabil**idade**
e a falta de dign**idade**
geram inferior**idade**.

A multiplic**idade**
de oportunit**idades**
a competitiv**idade**
e necess**idades**
da human**idade**
esbarram na mental**idade**
da imun**idade**
e da impun**idade**.

Toda esta ambigü**idade**
é responsável pela complex**idade**
de nossa nacional**idade**
e de nossa individual**idade**
em toda e qualquer **IDADE**.

(Maio/1996)

MASSACRE DE ABRIL

Quando chacina
à imprensa fascina
tempo e espaço
na mídia registram
massacres dos Sem - Terra,
Sem - Tetos e Sem - Nada.
Com arbitrariedade
se fuzila no campo e na cidade:
na Candelária, Xapuri e Vigário Geral.
No Eldorado de Carajás
trabalhadores rurais
foram massacrados
diante da omissão
e conivência oficiais
– verdadeiros crimes sociais –

(abril/1996)

REGISTRANDO

Testemunho a mutação
deste fim de século,
concreto, mas virtual,
em expansão digital.

Testemunho modificações,
conexões e gestões.

Tudo em nome da integração
homem - tecnologia,
a nossa nova filosofia.

(Maio/1996)

VENTO

É vento, é venta... é ventania,
chegando cheia de valentia.

Sinhá, este vento corre mundo,
atravessa mares, varre florestas,
agita desertos, poliniza flores
e levanta poeira.

Sinhá, este vento ronca,
assobia, geme e ainda dá surra
de areia fina
nas pernas da menina.

Sinhá, que nome tem este vento,
que venta, canta e encanta
em todas as pontas da rosa dos ventos?
Muitos nomes tem o vento,
seja quente ou refrescante,
ele acaba envolvendo a gente.

Sinhá, este vento é traquina.
Levanta a saia da menina,
rodopia que nem pião
e, quando zangado, vira furacão.

Sinhá, este vento é indiscreto.
Pouco importa se é vento de inverno,
ou vento fresco do mar,
pelas frestas, em qualquer lugar,
ele penetra, fazendo até parede falar,
conduzindo vozes,
provoca um verdadeiro inferno.

Sinhá, o vento na gente prega peça
quando nas madrugadas, passando com pressa,
faz bater janela, porta e portão
e no rastro ainda arrasta latas
nos deixando aquela sensação
arrepicante de assombração.

(Maio/1996)

“LAVOISIANDO”

Era uma vez um história
contada por Salernitano,
adaptada por Da Porto,
inspirando Bandello,
copiado por Brooke,
que inspirou Shakespeare.
Muitas formas teve esta história
transformada em conto.

De conto em conto,
de tradução em tradução,
do italiano ao francês
acabou como poema em inglês,
inspirando uma tragédia
Shakespeariana: Romeu e Julieta.

(junho/1996)

DISSIMULAÇÃO

Poetas menores,
somos, pobres coitados,
humilhados, esmagados
pelos poetas maiores.
Há qualidade
nas obras-primas.
Há inferioridade
nas mais íntimas
imitações inspiradas
- cópias dissimuladas.

(Junho/1996)

ABC LITERÁRIO

Ariosto, Boccaccio, Castiglione e Dante.

Aretino, Bandello, Cinzio e Doni.

São nomes de artistas

italianos. Artistas da palavra.

Alguns renascentistas,

mas, mesmo fora de ordem,

formam um abecedário

clássico literário.

(Junho/1996)

MANICURE ESPECIAL

Sem estar na linha,
Joselina, a Joselina
da Silva, aos trinta e seis
anos de vida entrou
para o Guines Book
com seus quatrocentos e seis
quilos e, de modo especial,
transformou-se na mais famosa
manicure do Brasil,
apesar de não ser a mais formosa.

(março/1996)

(Josefina morreu em 1996)

MICROCYSTINA

Em Caruaru,
azul é a alga,
microalga,
que libera toxina,
a microcystina

 L. R.,
contaminando a água
usada pelo IDR(*),
na hemodiálise
assassina.

Esta foi a análise
que em três meses reais
matou 51 doentes renais.

(Fevereiro/maio/1996)

(*IDR: Instituto de Doenças Renais

NORDESTINO

Não sou canto
mas tenho ino,
não hino,
em meu sangue.

Não tenho dom
musical, mas o tom
do sol, lá
em minha terra
dá dó.

Racha tudo de tão quente,
no pé ou no alto da serra.

Não sou crente,
mas o destino
está em minha mente.

Tenho tino, por isso canto e rimo,
pois sou nordestino.

(junho/1996)

GRANDEZA

O pensar que se ama
é pequeno porque o amar
é maior que o pensamento.

(outubro/1996)

INTERVENÇÃO

Registro a realidade
de meu tempo
como resultado e resultante
da intervenção mutante
do homem da cidade.

(novembro/1996)

MULTIPLA ESCOLHA

A linguagem poética
pode ser denotativa
ou deve ser conotativa?
Seria a linguagem poética
apenas uma estratégia estética,
na busca do significado
e do significante,
ou a recriação da percepção?

(setembro/1996)

ESPAÇO VIVIDO

No escasso espaço
do espelho um pedaço
de mim é devassado.

Face a face
procuro todas as minhas faces.
A face anterior,
A face interior
e a face esquecida
quando a inocência foi destroçada.

Vejo, na imagem refletida,
marcas de lembranças,
rugas de ausências
e um olhar disperso.
Um olhar sonhador, de quem não esquece
o espaço sentido
e o espaço sofrido.
O meu espaço vivido.

(novembro/1996)

ESCULTURA

A depender da intencionalidade
do poeta, a mulher - musa
pode ser um símbolo virtual,
uma figura híbrida,
entre o ideal e o real.

A depender da cumplicidade,
a mulher pode ser recriada
poeticamente, como uma coreografia,
plena de sensualidade
e sem qualquer dissimulação.

A depender da semântica
a mulher amada,
cheia de sutilezas,
pode ser transformada
numa escultura de palavras.

(Novembro/1996)

ABSTRAÇÃO

Inquietação poética
é ser pós-moderno
de modo terno, eterno.

Inquietação poética
é recriar a vida,
com ironia e fantasia,
onde palavra e imagem
são o todo e a síntese,
um substrato da magia.

(Novembro/1996)

OPÇÕES

Acreditem:

Com a queda do Muro,
em Berlim começou a mudança
para um fim de século maduro.

Acreditem:

Sem mais termos a fria
guerra política,
chegaríamos ao fim das ideologias.

Acreditem:

Isto é uma utopia,
pois as ideologias
ainda têm grande serventia.

Acreditem:

Ideologias são referenciais
e, na pluralidade da sociedade,
os poetas, progressistas ou reacionários,
vão continuar registrando diferenças sociais.

(dezembro/1996)

ILUSÃO

Se a sedução
é uma ilusão,
o ato de seduzir
é o falso absoluto.
Mas, sem a inspiração
dos sonhos,
a poética da criação
fica limitada.
É melhor conviver com ilusões
pois um homem que não sonha
é um homem sem futuro.

(dezembro/1996)

PENSAMENTANDO

para BÉU Machado

A vida sem a morte,
para uns, seria sorte,
para outros, pura magia.

(janeiro/1997)

LIBERDADE

para Manuel Bandeira

Estou farto do patrulhamento intelectual,
real, virtual e radical.
Estou farto da realidade
relativa, do meio-termo e da descontinuidade.
Estou farto da teoria literária.
De toda teoria arbitrária.
Estou farto da pobreza,
da falta de sutileza.
Estou farto da linearidade.
Quero da vida a irregularidade
coloquial, cheia de destreza.
Estou farto da falta de proeza.
Quero a força da simplicidade.

(janeiro/1997)

AVOANTE

O que seria da vida moderna
sem o pássaro de aço,
singrando nuvens no céu eterno ?
O que seria dos viajantes,
turistas e homens de negócio,
ganhando tempo ou gastando-o no ócio,
sem este elo de aço avoante ?

(janeiro/1997

PÁSSARO DA LIBERDADE

Apesar da imobilidade
imposta e da passividade
assumida, passageiro de avião
desafia, com sensação
de euforia, a gravidade.
E com ansiedade
vive, nos céus, a onipresença,
descobrimo o real sentido da liberdade.

(janeiro/1997)

SEGUNDA PARTE

PRISÃO

No fim do século, o cidadão
na cela da sala está preso entre telas.

Tela do micro ou tela da televisão.

(fevereiro/1997)

SEM LICENÇA

Com ou sem consentimento
da musa ao lado o poeta alado
enaltece o sentimento.

(fevereiro/1997)

LÚDICO I

Hai, hai, hai.

Não é grito de guerra.

É gago dizendo HaiKai.

(janeiro/1997)

LÚDICO II

Plaft, plaft no parabrisa

espatifam-se abelhas

levadas aos céus pela brisa.

(janeiro/1997)

DIFERENÇA

No cinema, atriz

rica não chora

lágrimas, enxuga nariz.

(janeiro/1997)

LIVRO I

para Oldegar Franco Vieira

Poesia é "Gravuras no vento",
epigramas cheios de filigranas,
que posso ler ao relento.

(janeiro/1997)

MICROCOSMO

Na poça d'água ao chão
estrelada noite enluarada
aprisionei em minha mão.

(janeiro/1997)

GAIOLA

O canário dourado
canta e encanta
sem mudar de lado.

(janeiro/1997)

COEXISTÊNCIA

Yin vai, Yiang vem.

Dois opostos e depois

juntos, em harmonia, vivem

(janeiro/1997)

PICADEIRO

O artista cria.

O artesão copia.

O poeta recria.

(janeiro/1997)

ENTREGA

Alice, alisa meu alicerce.

Tece, enquanto escurece,

o ritual do amor e tudo se esclarece.

(janeiro/1997)

SOMBRA

A silhueta reluz

nua à luz da lua.

Chama atenção e me seduz.

(janeiro/1997)

CONSTRUÇÃO

Realismo e verdades fazem o jornalismo
Palavras fazem o poema que o poeta lavra
Idéias fazem a poesia e o lirismo.

(fevereiro/1997)

INCONTROLÁVEL

Nada é mais livre
do que o ato de amar.
Ninguém consegue controlar.

(fevereiro/1997)

ELO

Tempo lembrado
não parece história,
mas passado recuperado.

(fevereiro/1997)

LEMBRANÇA

Amores passados
são pétalas desidratadas
entre folhas editadas.

(janeiro/1997)

VAGANDO

Borboletas vagam no ar,
vaga-lumes na noite vagam
e o poeta, nas vagas do mar

(fevereiro/1997)

MÚSICA

Bit, beat, Beatles.

Minuta é pré-lei, Presley.

Tom mais tom, Stones.

(fevereiro /1997)

VELHICE

No rosto enrugado
escondem-se lágrimas e felicidade
de tempo passado.

(fevereiro/1997)

TEMPO

O tempo pára
quando a ampulheta
fica deitada.

(fevereiro/1997)

ESTRELAS

Na escuridão das matas
o piscar dos vaga-lumes
são estrelas natas.

(fevereiro/1997)

MISTÉRIO

O cometa rasgou
a noite, deixando
uma cicatriz prateada.

(fevereiro/1997)

LANCE

A bela, em solenidade,
cruza pernas e descruza,
mostrando sua intimidade.

(fevereiro. 97)

CORRENTE

- O professor transmite conhecimento.
- O jornalista registra fatos existentes.
- O cronista divaga sobre o inexistente.
- O poeta sintetiza o sentimento.

(janeiro/1997)

POR DO SOL I

A tardança vai e a noitança vem.

O tempo passa diante de mim
com seu perfume de jasmim.

(abrel/1997)

POR DO SOL II

O céu, primeiro, avermelhava
à chegada da noite. O negrume
da noite revelava
o lume e vôo do vaga-lume.

(abril/1997)

PAIXÃO

Um beijo profundo
é molhado. É rebuscado.
Toca, da alma, o fundo.

(abril/1997)

CADEIRA DE BALANÇO I

A palha da cadeira
cedeu ao peso
dos sentados e balançados

(abril/1997)

CADEIRA DE BALANÇO II

Balanço vai, balanço vem.
Gasta, a cadeira embalou
crianças e, velhos, acalentou.

(abril/1997)

POESIA

Poesia é fantasia,
criação que dá vida e ação.
Reproduz amores, cores e tudo que reluz.

(maio/1997)

CLASSIFICAÇÃO

Beijo passivo e beijo agressivo
são armas do amante
versátil e sentimental.

(maio/1997)

DIA NUBLADO

Um dia embaçado
sem sol e sem visibilidade.
Parece um dia falsificado.

(junho/1997)

FLORES

Flores cultivei para dar
a quem nunca falei.
Maria pediu, não pude negar.
Sobrou a Rosa, com quem sonhei.

(junho/1997)

INVERNO SERTANEJO

Uma garça pousa no mandacaru.

Milhares de garças

sobrevoam o lago azul.

O sertão - verde está em estado de graça.

(junho/1997)

ATOR

Sou protagonista
da pós-modernidade.
Já não posso ser espectador
da impureza tecnicista.

(junho/1997)

CARYBÉ

Para Hector Júlio Páride Bernabó

I

Axé! Aqui aportou Carybé.
Radicado na Bahia de Jorge Amado.
Fincou pé, viveu e morreu com fé.

II

Lindinalva, de Jubiabá, trouxe sua alma.
Fascinado pela Bahia, viveu apaixonado,
Carybé, pela gente, cultura e candomblé.

(outubro/1997)

SARAMAGO

Mago da palavra, Saramago,
generoso escritor, é engenhoso,
transparente, nas metáforas sem precedente.

(outubro/ 1997)

MÁQUINA vs. HOMEM

O homem sente

O homem esquece

O micro não é inteligente,

ele apenas lembra...

(maio/1997)

AO LÉU

Entre o tempo e a eternidade
- espaço intermediário -,
entre o homem e Deus,
tento encontrar a universalidade.

(julho/1997)

RECADO

Olhe, flor não se colhe.

Colhida a rosa perde a vida.

Tantas roseiras cultivas, que me encantas...

(julho/1997)

PROTESTO

Ouço a pedra jogada no poço.
Mágoa, creio ouvir do burburinho d'água
espalhada, por ter a privacidade violada.

(1997)

SONHO IV

Da vida quero a liberdade
do vôo de um passarinho.
Da vida quero a dedicação
e o amor de Fidelio de Benthoven.

(1997)

TERCEIRA PARTE

DANÇA DOS PEIXES

Pintado
com urucum e jenipapo,
de colar e cocar,
convoco caciques
Aritana e Raoni,
Guerreiros do Xingu
para a Dança dos Peixes.

Invoco as forças dos pajés
Txukarramãe, Kaiapós,
Xavantes, Tupi-guaranis,
Kiriris e Pataxós.
Invoco a força da natureza,
das matas, cachoeiras e igarapés
para a Dança dos Peixes.

Com os poderes mágicos
e o som sagrado
da Flauta Jacuí,
vamos afastar do Brasil
todos os maus espíritos
da Serra do Caburaí
ao Arroio do Chuí.

(janeiro/1998)

ARCO-IRIS DA VIDA

para Rimbaud e Pethion de Villar

No desabrochar da vida, as sensações
do real invadem os corações.
Tudo é rosa com aroma de primavera.

Com o florescer da juventude,
tudo avança com amplitude.
Tudo é azul com aroma de verão.

À chegada da envelhescência
apresenta-se a degenerescência.
Tudo é cinza com aroma de inverno.

Sim, poetas, toda idade tem um aroma e uma cor.

(abril/ 1997)

MATA ATLÂNTICA

Estou em plena Mata Atlântica!
Sinto a enormidade
dos troncos, verdadeiros pilares,
sustentando, no alto, milhares
de galhos e folhas que impedem a luminosidade.

Estou em plena Mata Atlântica!
Sinto a força da natureza
e sua silenciosa cumplicidade.
Respiro pura umidade
e ouço a velocidade
das águas em correnteza.

Estou em plena Mata !
Uma riqueza de biodiversidade,
um santuário da humanidade.
Uma mata preservada,
uma mata conservada.
Percebo cores, cheiros e ruídos diversos,
todos aprisionados nestes versos,
que cantam a beleza natural em liberdade.

(maio/1997)

POETA BAIANO

Ser baiano, é ser poeta, é ser singular.

É sentir o particular,

o subjetivo e o abstrato.

Ser poeta é ser intermediário,

fonte e destinatário.

Ser poeta na Bahia é transformar o particular

em linguagem universal.

(maio/1997)

AMADA

Tua pele é tão alva
como a luz da lua.
Teus cabelos dourados
como os raios do sol.

Teu sorriso é um convite ao amor,
tua voz, uma canção murmurada,
teu olhar, o brilho das estrelas.

Tua respiração é ardente
e teu desejo é tão quente ,
que me faz voar como ser alado.

A vida ao teu lado
é quase o sonho sonhado,
um filme de amor,
o perfume de uma flor.

(maio/ 1997)

SABOR

Quero dar sabor
às palavras e cor
às letras de cada verso.
Cada imagem, cada poema
haverá de ter um colorido
e um gosto diverso.

Que o poema transmita
o gosto do cheiro
e o cheiro do gosto
de cada cor da imagem percebida.

(julho / 1997)

CHE

Morreu lutando o guerrilheiro - poeta
contra o capitalismo.

Agora, sua imagem idolatrada
(barbicha, boina e uniforme desbotado),
por ironia, está sendo usada
na promoção do consumismo.

(julho / 1997)

O AMANTE

Não me julgues mal.

Tenho todas as qualidades
e defeitos.

Sou uma infinidade
de mentiras e de verdades.

Quero ser um amante perfeito.

Quero te ensinar tudo
o que a vida te ocultou.

Toda mulher é como um polígono tridimensional.

Quero descobrir cada um dos lados
que carregas: o lado da estupidez,
o lado sublime,
o lado da honradez,
o lado casto e o lado safado.

Quero sentir o perfume
de tua paixão
e o peso racional de tua sedução.

Quero ser o amante perfeito,
terno, divertido, esportivo
e que sabe fazer o amor bem feito.

(maio/ 1997)

SEDUÇÃO

Exibir os encantos
do corpo é a sublimação
do impulso sexual. A sedução,
amor e paixão
são símbolos da exaltação
e distinção do ser humano.

(junho/ 1997)

RELICÁRIO DE AMOR

Um bilhete de amor
encontrei perdido
entre páginas de um livro lido.
Encontrei dissecada uma flor
que também falava de amor.
O livro esquecido
na estante, guarda um passado,
uma lembrança de tempos idos.

(outubro/1997)

TRISTEZA

Tristeza é não ouvir o trinar
do passarinho numa manhã de sol.
É não sentir
o perfume do jasmim
numa noite de lua cheia.

Tristeza é não poder tocar
na pele sedosa da amada.
É não perceber o gosto
da sedução e da paixão.

Se tristeza é esta sensação,
sou um homem realizado
porque meus sentidos
são exagerados...

(novembro/1997)

LIVRO II

Se o livro é uma janela
aberta para o mundo,
o autor é o elo
entre a fantasia e a realidade.

Se o livro liberta a imaginação,
o poeta reúne a sensibilidade
do universo em versos,
transformando-a em sensação.

(dezembro/1997)

FINGIDOR

para Fernando Pessoa

O poeta é o estilista
que veste as palavras
com sentimentos coloridos.

O poeta é o artista
que cobre as palavras
com sensualidade.

Com a irreverência
da imaginação,
o poeta consegue criar
do alfabeto, com ou sem afeto,
até lágrimas sintéticas.
Lágrimas doces que mudam de cor
a depender da dor ou do amor...

(dezembro/ 1997)

SÉCULO XXI

No Terceiro Milênio,
século da inteligência artificial,
do conhecimento germinal,
dos clones e da genética,
haverá de predominar
a Engenharia Poética.

(dezembro/1997)

COMENTÁRIOS CRÍTICOS SOBRE A OBRA POÉTICA DE SÉRGIO MATTOS

Sobre *NAS TEIAS DO MUNDO* (Livro)

“Uma característica de *Nas Teias do Mundo* é a secura verbal, uma contenção que não castra a emoção nem sacrifica sua poesia: “rasguei flores, flores da vida/flores da morte” – um lirismo seco, denso, longe de qualquer pieguismo, sobretudo na procura do menino que o poeta foi (...). Ademais, creio que, num dos poemas deste livro, Sérgio Mattos define sua poesia, seus objetivos e seu mercado partidarismo pelo povo: “O poeta é o vigia do tempo”. Neste verso solto, está sua consciência de ofício – não a arte pela arte, mas a arte pelo homem, realizando-se através do homem, existindo em função do homem, começo, meio e fim”

(Guido Guerra, in *Nas Teias do Mundo*, orelhas, 1973)

”Em muitos dos seus pequenos poemas, mesmo quando sentenciosos, Sérgio Mattos, não abandona o seu temperamento lírico e o seu poema “Rebeldia”, é curiosamente uma violência inconcebível num poeta de tanta mansidão: “Despedacei uma rosa/ e me deitei de costas para a lua...”. O título do poema e as reticências confirmam a atitude poética de valorizar ainda que com uma vaga ironia, dois dos maiores lugares comuns da eterna poesia lírica, a rosa e a lua”.

(Carlos Eduardo da Rocha, in *Nas Teias do Mundo*, prefácio, 1973)

“Gosto a poesia de Sérgio Mattos, não só pela amenidade, não só pelo trato ou tessitura, como dizem uns, mas porque ela me diz. Sérgio trata a palavra como a um cão de raça e estima”. Delas evocam momentos que marcaram a única fase inegavelmente fascinante em nossa vida: a infância. Classifico-o entre os melhores autores já passados em minhas mãos”.

(Oleone Coelho Fontes, *A Tarde*, Salvador-BA, 26.10.1973)

“... poeta amadurecido na simbologia transparente quase sem hermetismo de uma suavidade lírica, impregnada de amor e comunicação humana.”

(Adalberon Cavalcanti Lins, *Gazeta de Alagoas*, Maceió, AL., 08.10.1974)

“Seus poemas são curtos, breves, o que nos sugere pingos luminosos de uma inspiração que extrai da síntese o essencial para o nosso deleite emocional. É como se fosse um garimpeiro da poesia pura que joga o cascalho fora e recolhe apenas as pepitas”.

(Nonato Marques, *A Tarde*, Salvador, BA, 18.01.1974)

“Os versos de Sérgio Mattos refletem o seu permanente estado d’alma, inquieta, cheia de arroubos pela vida. Ele não vê o mundo pelas teias amargas, não; antes olha-o cheio de fé e confiança, onde deseja pairar, sempre, o amor e a ternura livres e belos. Quem ver? “Era uma tarde chuvosa/ e na vidraça molhada/escrevi um poema...”. Lembrar um “hai-kai”. Preciso, forte, debuxando, em poucas palavras, um quadro vivo, palpitante.”

(Antonio Loureiro de Souza, *A Tarde*, Salvador-BA, 23.11.1973)

Sobre *RETINA* (coletânea)

“Nota-se que os seus poemas conseguem dizer bastante em poucas palavras, o que revela um cuidadoso labor artesanal num caminho já descoberto e que se for perseguido com amor e dedicação lhe dará um lugar seguro no ambiente literário da Bahia. De todos é o que tem maior poder de síntese e melhor seleção e combinação vocabular. Base segundo Jakobson da verdadeira confecção literária.”

(Ildázio Tavares, *Jornal da Cidade*, Salvador-BA, 04.04.1976).

“É na forma sintética dos poemas que Sérgio Mattos busca conter o trasbordamento de suas vivências interiores. Nos poemas apresentados em “Retina”, esta característica formal aparece em todos eles, entre os quais o mais

longo apresenta onze versos. Seus poemas seriam então a síntese de intensos momentos poéticos, irreprimíveis “flashes” do “eu” do poeta.

(José Garcia Costa, *A Tarde*, Salvador, BA., 20.12.1975)

Sobre *O VIGIA DO TEMPO* (livro)

“...Sérgio Mattos busca e obtém “as formas simples”. Nunca vulgar, no entanto, sabendo conservar certas nuances de sombras, recônditas, que concedem à sua clareza fundamental uma condição literária de real qualidade.”

(Jorge Amado, *A Tarde*, Salvador-BA., 27.12.1977).

“De um livro (Nas Teias do Mundo) para outro (O Vigia do Tempo) nota-se uma acentuada mudança na linguagem poética de Sérgio Mattos. Chama-me a atenção de início o poder de síntese que lhe é peculiar. E mais: a cada passo da leitura, vão aflorando os achados felizes, somando-se soluções estéticas de alto nível para contornar as mediocridades do sentimento humano. E depois do poder de síntese a maturidade verbal revelando um poeta senhor absoluto do seu instrumento”.

(Walter Siqueira, *A Cidade*, Campos, RJ, 14.02.1978).

“Sérgio Mattos dá a sua poesia um toque universal, produto de sua sensibilidade e de sua visão de mundo. Trata a poesia de uma forma moderna, aberta e sem hermetismo. Livre de normas e dogmatismos. “Porque vivemos num mundo sem custódias e o poeta é o vigia do tempo”, essa é a principal característica da obra de Sérgio Mattos. Através dessa linha de pensamento ele se conserva sempre fiel ao seu estilo simples”.

(Ligia Monteiro, *A Gazeta*, Vitória, ES., 14.03.1978)

“Sérgio Mattos pertence ao movimento modernista. Desde o início de seus cantares. Sem metro nem rima. Pensamento e música. Metafórico sem ser hermético. Graças a Deus. Porque o hermetismo é, não raro, máscara obscena, no carnaval da literatura cabotina. Ou, ainda, exploração torpe da ignorância vaidosa

e da vaidade ignorante, que se desmancham em louvores ante quadro pintado pela cauda de algum símio. A metáfora denuncia o trato aprofundado das letras: “senti o poema/somei os sentimentos/ mas não o escrevi: era perfeito demais para existir”.

(Humberto Lyrio, *A Tarde*, Salvador, BA., 18.02.1978).

“Simples, espontâneo, seguro na afirmação, com imagens surpreendentes pelo conteúdo estético, já pode ser havido a esta altura, pela crítica mais sisuda, como um poeta real, verdadeiro, e não, um fabricante frascário de palavras alinhavadas ao jeito de poemas”.

(Antonio Loureiro de Souza, *A Tarde*, BA., 26.11.1977)

“Versos já publicados situam-no entre aqueles poetas de voz clara, aparentemente sem mistério, de poemas breves, nos quais ideias, sentimentos e sensações são despojados ao máximo, não como alguém que busca pureza através do refinamento apurado da expressão, mas como quem parte dela, a traz do berço e é incapaz de pronunciar-se de outra forma”.

(James Amado, in *Batalha de Natal*, prefácio, 1978)

Sobre *LANÇADOS AO MAR*

“...possuidor de um profundo dom de sintetizar o pensamento sem, contudo, quebrar a beleza e a grandiosidade do seu ser de poeta e, em consequência da própria poesia”.

(Ivan Dores Soares, *A Tarde*, Salvador, BA., 17.03.1986)

“Poesia que o público gosta e não precisa de interpretação crítica para ser absorvida. Comunica diretamente ao leitor a emoção do poeta e leva para dentro daquele a alma deste”.

(Adinoel Motta Maia, *Jornal da Bahia*, Salvador-BA., 28.12.1985).

Sobre ASAS PARA AMAR

“...capaz de enxergar o invisível e escutar o silêncio, inconformado com a sequência monótona das horas iguais”.

(Waldir Freitas Oliveira, *A Tarde*, Salvador –BA., 22.04.1995)

“...poemas líricos, ora falando do amor, numa perspectiva espiritual, simbólica, ao falando do desejo e dos insondáveis caminhos de Eros, nas suas reações pelo espaço do corpo e da alma”.

(Cid Seixas, *A Tarde*, Salvador, 24.04.1995)

“O mundo contemporâneo superpõe regras para o amor, uma inflação de regras no amor consumido. E Sérgio Mattos resgata a independência de amar porque sua poesia não é para ler, mas para sentir. Misturando formas, posse, distância, solidão, marcas, saudade, perdão e morte, sentimentos e natureza para amar como baiano numa Bahia mágica – amar bem devagarinho...”

(Marlene Vaz, *A Tarde*, Salvador, 1.07.1999)

“... a Poesia de Sérgio Mattos tem uma valorização de unidade. Pode ser considerada como expressiva. Ou também elucidativa quando revela os seus sentimentos. O trabalho deste poeta de uma novíssima geração experiente pode ser também visto pelo lado proxêmico, quando tem o seu próprio espaço. Quando busca a relação ente o homem e o universo.”

(Jolivaldo Freitas, *Bahia Hoje*, Salvador, 20.06.1995)

“...poemas desidratados, breves e enxutos, penso que você faz exatamente o que os apaixonados devem fazer: ou partir para o amor físico num quarto de motel ou, se preferir o poema, usar as palavras mais simples do dicionário estético. Um bom exemplo de um poema de amor sem complicações e falsos artifícios de erudição é o que se encontra na página 40 (livro *asas para amar*, 2ª edição) com o título de Sinfonia de amor: “Há pássaros noturnos que cantam/no alto das casas./Há braços e pernas que dançam/sob uma luz de sombras/e um murmúrio de lágrimas;/ a

dança do amor é densa”. Acho que todos os homens do mundo, imitando você, deveriam pedir perdão às amadas por não terem amado como deviam”.

(Francisco Carvalho, Fortaleza, CE, 11.11.1997)

Sobre *ESTANDARTE*

“Não sou crítico literário, e se, por vezes, me animo a dar palpites sobre um romance por ser oficial desse ofício, não me animo a comentar poesia. Poesia, leio e gosto ou não gosto, é tudo. No caso da poesia de Sérgio Mattos, leio e releio com um prazer sempre renovado e sempre maior. Gostaria, no entanto, de fazer referência especial ao poema “Ideologia”, datado de 1991. Você escreveu, com beleza e exatidão, o que eu penso desde há muitos anos”.

(Jorge Amado, Salvador, Bahia, 10.10.1995)

“Li num silêncio, mas os poemas fizeram barulho dentro de mim. Há uma riqueza de momentos, momentos tão próximos de nós que dão a impressão de termos vivido todos os poemas.”

(Marlene Vaz, *A Tarde*, Salvador, 15.12.1995)

“Sintético, inquieto, atento e moderno, *Estandarte* põe a poesia à mostra, despida de apelos panfletários e recursos formais, quase em estado de graça, sem elucubrações e recorrências vanguardistas, enfim poeta sem exigências críticas, despido do rigor da literatice, romântico e despretensioso, descomprometido com regras e exigências acadêmicas.”

(Gustavo Falcón, *A Tarde*, Salvador, 23.09.1995)

“Vale a pena ler o livro *Estandarte*, porque na verdade é com o que parece. Parece algo a bailar sobre a cabeça dos leitores, não como bandeira cívica ou de bloco carnavalesco, porém como uma faixa prática, uma faixa literária, contendo versos geralmente breves, datados de épocas diferentes, de períodos os mais diversos, de tempos os mais distintos.”

(Junot Silveira, *A Tarde*, Salvador, 17.09.1995).

“Sérgio Mattos, ao escrever poesia, tem na veia a exata dosagem do lirismo, quase seco, mas que fala diretamente ao coração. Na busca de solidariedade neste nosso mundo cheio de conflitos. Sérgio pergunta: O que será do homem numa comunidade depressiva e sem solidariedade. A opção de Sérgio, sem nenhuma pieguice, foi empunhar uma bandeira, fazer seguidores e, como na Montanha, multiplicar o amor. A Câmara Municipal de Salvador considera um privilégio homenagear, neste momento, essa grande expressão literária que soube encontrar a perfeita simbiose entre poesia e prosa”.

(Germano Tabacof, *A Tarde*, Salvador, 13.10.1995)

“Sérgio Mattos confessa que seu amor não é medido. É sentido intensamente, livremente. Os seus poemas são sínteses emotivas dos seus recônditos sentimentos. São dotados de conteúdo lírico e romântico – características estas que recriam a realidade. Seus versos são modernos, livres como soem ser as asas do amor no seu voejar constante. Versos que sugerem ideias, visões, imagens, num ritmo livre e num tom melódico e envolvente.”

(Nonato Marques, *A Tarde*, Salvador, 17.10.1995)

“Eu sempre digo que os políticos – certos ou errados – têm o condão de tomar decisões, mas só os santos sabem tudo, e, neste mundo, apenas os poetas têm razão. (...) Talvez, sem o autor de Estandarte notar, o poema da página 142, “Correlação”, saía do livro e ia virar moldura na parede do coração dos presentes ou completar a exposição dos outros artistas, um quadro à parte: “Nasci no adiamento contraditório do calendário sem qualquer repertório: sou teatro, espetáculos e platéia. Represento muitos atos com fatos correlatos que guardo, retardo e reparto.””

(Benjamin Batista, *A Tarde*, Salvador, 31.10.1995)

“Li os poemas de Estandarte. Você faz uma poesia que é uma espécie de celebração do cotidiano. Através de uma linguagem simples, sem falsos apelos de sublimidade, você nos fala do homem e de suas aflições, do amor, dos sonhos, das

aspirações de todos nós. Sua escritura poética não abusa de recursos metafóricos nem de adjetivos desnecessários. Dá objetivamente o seu recado, o seu testemunho lírico a respeito do nosso tempo, dos nossos equívocos, nossas utopias, nossos sentimentos, nossos vícios de grandeza e, sobretudo, de nossa impotência diante do inexorável.

(Francisco Carvalho, poeta cearense, em carta ao autor)